**Carta de interesse de participação no Concurso “Passagens” - Jardim ângela**

**Proponente:** Coletivo Permacultoras Coletivas

**Data:** 10/05/2017

**Quem somos nós?**

 Somos um coletivo formado por pessoas interessadas em questões socioambientais, que tem como eixo norteador de trabalho a Permacultura - Ciência que tem como premissa o resgate e articulação de saberes e tecnologias contemporâneas e ancestrais, especialmente daqueles que se referem ao território sobre o qual se debruça, para o desenho e manejo de sistemas auto-sustentáveis.

 A equipe é formada por profissionais de diversas áreas, com experiência em projetos que articulem a participação social, o exercício da cidadania e construção democrática de propostas e ações que possam intervir de forma positiva sobre os espaços ocupados em território urbano e rural. Partimos da ideia de que a valorização dos diferentes saberes presentes em uma comunidade possa contribuir na reorganização social e ambiental e dar possibilidade de empoderamento e pertencimento às pessoas envolvidas neste processo.

 Entre nossos objetivos como coletivo, está o resgate dos saberes relacionados à terra, aos ambientes, às técnicas, às culturas e aos conhecimentos oriundos de experiências de vida, para construção de espaços mais acolhedores, naturais e em consonância com as reais necessidades daqueles que o habitam.

 Nossa metodologia baseia-se em métodos de mobilização, sensibilização e participação popular, com propostas que abram espaços de diálogo entre os diversos atores sociais que atuam sobre o local de trabalho, possibilitando assim, que as demandas sociais, políticas, econômicas e ambientais possam ser delineadas e respeitadas nas tomadas de decisões e negociações para melhoria do bem estar comum. Entendemos que esta prática permite a sistematização de ideias e orientação de iniciativas que possibilitam melhor uso e cuidado dos espaços de convivência e ainda colaboram para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo político e das manifestações artísticas e culturais da comunidade envolvida.

 A aplicação da metodologia participativa é associada à metodologia de zoneamento permacultural, na qual por meio do estudo da área se dá a identificação das zonas de trabalho, que se referem aos espaços de uso e ocupação do território. As zonas são delimitadas e numeradas de acordo com a localização e interação dos elementos dos sistemas, tais como: os naturais ( recursos como a água, a luz solar, os ventos, espaços verdes agriculturáveis, de jardinagem, hortas suspensas, reconhecimento de espécies vegetais espontâneas e PANCs, etc); os construídos (Infraestrutura, níveis e declividades, moradias, comércio, etc.)

**2. As passagens...e os passarinhos?**

Todos esses que aí estão

Atravancando meu caminho,

Eles passarão...

Eu passarinho!

*Mario Quintana*

 São muitos os motivos que nos levam a caminhar. Caminho de casa para o trabalho, paro na padaria, tomo um café; desço até o ponto de ônibus. Ando entre ruas e avenidas, meus pés transitam. Transam a cidade concreto, que me engole sem nem saber para onde eu vou ou por onde estou indo.

 Nessa cidade que cresce para cima e para os lados, vamos ficando pequenos. A imensidão do território, a ocupação dos espaços ainda não vistos, o cinza do asfalto imóvel que vai surgindo, caminho para um não caminhar. Caminho de máquinas, automóveis e tudo mais que transita acima da nossa própria existência. São esses pensares, estes fazeres cidades tão brutas e concretas que tornam o caminhar mais duro, mais rígido, mais surdo, mais cego... o caminhar vira só um andar, um andar rápido, marcha, consumida na necessidade de apenas atravessar. Tiram-nos o prazer da travessia, da contemplação, do diálogo com a paisagem e com o outro, que vai se incorporando aos pensamentos que nascem nesse hábito humano de se deslocar. O simbólico vivido no prazer dos passos que se dão em comunhão com devaneios, vai sendo suprimido e toda sua razão sensível, sendo amortecida e negada no fazer-se humano.

 É sobre este contexto que buscamos atuar. Sobre os caminhos do cotidiano que com as gentes que nele transitam, vão sendo esquecidos e negados no processo frio e desenvolvimentista das grandes cidades. Se “antes o mundo era pequeno porque a terra era grande”[[1]](#footnote-0) e os caminhos que nos levavam para longe, eram de nosso total pertencimento. Hoje, a nada pertencemos ou nada nos pertence. Vivemos em estruturas rígidas que nos impedem de olhar para outro, olhar para si, vislumbrar o horizonte.

 Nossos rios foram engolidos em canos-concretos, nossos vales, nossos riachos, nossas nascentes...tudo foi sendo aterrado, soterrado, asfixiado pelo concreto. Os sonhos vão junto. As cores. Os caminhos que antes promoviam encontros, fundaram vilas, organizaram formas de ser e estar mais aconchegantes no mundo, foram sendo substituídos pela ideia de que o lugar onde se está é sempre mais importante que o caminhar. Que o lugar de chegar é o único lugar de ser-estar. De viver. Contemplar.

 É preciso despertar a sensibilidade humana. Trazer para a pele as cores do olhar. Desacostumar esse hábito moderno de aceitar, de tornar-se invisível, de se apequenar diante daquilo que nos colocam como maior, mais importante e essencial. Não há nada que seja mais importante do que a dignidade humana.

 Se são importantes as necessidades de formas de locomoção mais rápidas, se nos importam construir vias expressas, marginais, trilhos de trem e metrô...é de igual importância considerar que os deslocamentos são sempre de pessoas. São pessoas que vêm e vão nos metrôs, nos carros, nos ônibus, nas bicicletas e nas motos. Ainda falamos de pessoas. Como não considerá-las? Como não considerar o lugar de onde vêm e para onde vão? Como não considerar que todo espaço que percorrem, o espaço em que vivem, trabalham e convivem devam ser de pertencimento,de acolhimento. São seus espaços de representação social.

 Na força da resistência, movida pela necessidade, estas mesmas pessoas buscam pelas brechas urbanas. Transitam por pontes, escadas, vielas, atalhos, ruelas. Buscam por passagens, esses caminhos não reconhecidos, excluídos da organização da cidade, desconsiderados nos planos de mobilidade urbana, os planos imobiliários. São os caminhos dos pedestres, os caminhos que aproximam distâncias, ligam diferentes realidades, aceleram a chegada. A chegada das pessoas. Essa é a passagem que compõem a rotina, a paisagem de quem vive a cidade com o pés. O pedaço do território vivido fora dos prédios, das casas, dos escritórios, das oficinas...esse que deveria ser o espaço-cidade do encontro, da contemplação, do devaneio, da criação.

Como viver na cidade-concreto que não vê suas gentes e nem os caminhos por onde passam, as passagens e seus caminhantes?

Urge a necessidade de despertar um olhar sensível sobre a complexidade das estruturas da mobilidade urbana. Considerar as pessoas, o que têm a dizer, o que pensam e como gostariam de transitar na cidade. É preciso considerar que ainda somos seres caminhantes, que entre o ir e vir frenético dos tempos que se esgotam, pode estar o minuto da arte, da conversa, da reflexão, da informação, da troca, do descanso, da natureza. A idéia das passagens como forma de resistir ao bruto cinza do concreto, como forma de humanizar a experiência de ser cidadão numa cidade mais acolhedora, afetuosa, inclusiva e respeitosa para o viver em sociedade.

 Se quem passam são as pessoas, são pessoas que devem construir suas passagens, seus caminhos e suas travessias.Como nos disse o poeta: “eles passarão, eu passarinho”....que todos passem, mas que todos possam ser,, também, passarinhos!

**3. O Jardim Ângela- um espaço de apropriação, morada, resistência e travessia**

 O Jardim Ângela está localizado na periferia da Zona Sul da cidade de São Paulo. Retrato do crescimento desordenado das grandes cidades, traz em sua composição um misto de tintas que revelam um quadro de desigualdade social, falta de estrutura básica, precariedade nos serviços públicos oferecidos à população e exclusão. Uma exclusão primariamente geográfica. Num mundo tecido em grandes malhas rodoviárias, conectado por ruas e avenidas; o trajeto mais longo é sempre daquele que socialmente já se vẽ excluído e invisibilizado pelo sistema que nos organiza.

 Em sua história, o Jardim Ângela nasce travessia. É primeiramente o lugar de passagem entre os bairros de Santo Amaro, Itapecerica e M'Boi Mirim, posteriormente lugar de morada das rebarbas dos impactos gerados pela construção da represa Guarapiranga. Junto com toda a água desaguada do Rio Tietê, o reservatório trouxe pessoas. A possibilidade de moradia junto ao mais novo cenário construído nas margens de São Paulo, atraia um público seleto, elitizado e privilegiado economicamente.

 A cidade crescia e com adensamento populacional, as classes trabalhadoras foram levadas para as margens das cidades. Gente que não podia mais se manter no centro, vítimas da especulação imobiliária e dos altos custos de vida gerados pela cidade da garoa, do trabalho e da indústria. Gente que foi morar nas margens mais extremas da cidade, nas margens das águas limpas e calmas da represa, lá onde estava o território a que hoje chamamos Jardim Ângela. Mais uma tinta: a desigualdade social dos ricos e pobres que se avizinham. Nao ha escolha! Há apenas cores que não se misturam.

 Assim, esse bairro de características típicas de regiões periféricas, traz as marcas das invisibilidade social que se refletem na falta de políticas públicas que considerem as especificidades do lugar, que atenda às necessidades da população, que ofereça possibilidade de organização social necessária para atuaçao política e democrática da comunidade. Os impactos se alastram em ambiente e sociedade.

 Um bairro que sofre com a violência, com os recortes territorias em que se organizam as comunidades, com a desestruturação das moradias e a falta de saneamento básico. Sofre com a falta de espaços de lazer, cultura, arte e educação.Sofre pelas crianças e jovens que não recebem assistência adequada, pelo tráfico, pelo desamparo econômico, pelo desemprego, pela impossibilidade de buscar por horizontes mais tranquilos, de perspectivas e futuros melhores.

 No desenho Dantesco da cidade que cresce e elimina, que marginaliza e exclui suas periferias, há ainda no Jardim ângela, uma questão particular que se refere ao transporte e mobilidade.

“O adensamento que a região teve desde a década de 70 não foi acompanhado de uma política eficaz de transporte. Simplesmente foi-se deixando adensar as margens da via, que passou a ser o eixo de uma “espinha de peixe” de grandes proporções, em que um grande número de loteamentos surge sem conexão entre eles, todos ligados somente à M’Boi Mirim. Essa configuração domina a paisagem atual da região, em que a falta de conexão viária entre os bairros saturam a M’Boi Mirim. A falta de uma estrutura urbana minimamente planejada e a ocupação desordenada por favelas entre os loteamentos clandestinos, muitas vezes em encostas íngremes e sobre solo pouco resistente, definem a paisagem atual do Jardim Ângela.” (LabHab, 2003, p. 42-43)

 Assim, temos todos os elementos combinados na construção de um espaço urbano, cuja população é invisibilizada em termos sociais, ambientais, econômicos e políticos. Uma população excluída geograficamente, que em seu cotidiano, busca além de formas mais dignas de sobrevivência; a possibilidade de transitar e se locomover no espaço urbano.

 No entanto, o Jardim Ângela é vivo. Vive na resistência dos grupos que não aceitam a exclusão como forma de vida, que enxergam possibilidades de mudanças, que se organizam na autogestão, na busca de alternativas. Grupos que se expressam pela arte, pela cultura periférica, que transforma a dor em poesia e luta; e reivindica por um espaço mais humano de se viver. Na periferia do Jardim Ângela há acima de tudo, luta. Luta que gera ação política, que gera movimento, que mobiliza e que transforma. Há ali muitas pessoas que desejam transformar o seu lugar de morar, transitar e resistir em lugar de pertencimento. É uma luta que deve ser de todos, a luta por tornar o mundo um lugar mais democrático e de liberdade para todos. “As cidades tem a capacidade de providenciar algo para todos, apenas porque, e apenas quando, são criadas por todos. “ (JACOBS, 2001, p. 238)

**Referências**

JACOB, Jane. “MORTE E VIDA DEGRANDES CIDADES” Tradução: Carlos S. Mendes RosaRevisão da tradução: Maria Estela Heider CavalheiroRevisão técnica: Cheila Aparecida Gomes Bailão Martins Fontes São Paulo 200 I

LabHab- Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAUUSP. Programa Bairro Legal - Plano de Ação Habitacional e Urbano. 2003. Disponivel em: <http://www.fau.usp.br/depprojeto/labhab/biblioteca/produtos/plano_acaohaburb_diagnostico_jdangela.pdf> - Data da consulta: 10/05/2017

1. Gil, Gilberto. Trecho da música “Parabolicamara”, gravada em 1991, em CD de mesmo nome, pela gravadora WEA. [↑](#footnote-ref-0)